

# COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 39

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

**PUBLICA-SE**

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 800 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs. e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 1/4 d'abonimento.

**BRAGA—TERÇA-FEIRA 7 DE SETEMBRO**

Carta ao ex.<sup>mo</sup> snr. ministro da justiça, Barjona de Freitas.

Ex.<sup>mo</sup> snr.

Permitta-me que, na pessoa de v. exc.<sup>a</sup>, eu me dirija a todo o ministerio, que felizmente rege os destinos da nação portuguesa, visto que, segundo a metonymia politica da *solidariedade ministerial*, v. exc.<sup>a</sup>—permitta-me, digo, que eu aqui lhôe (expressão, a que um dos vultos politicos do partido de v. exc.<sup>a</sup> deu os fóros de parlamentar) o seu zelo a favor de uma, e talvez da *mais importante* das prerogativas da corôa, recentemente menosprezada e conculcada pelos bracarenses na eleição de um deputado, que acaba de fazer-se pelo circulo de Braga.

Tudo o paiz, ex.<sup>mo</sup> snr., ficou cheio de assombro diante da audacia d'aquella gente, que no proprio momento, em que v. exc.<sup>a</sup>, estribado nos respeitaveis hombros de conspícuos membros do poder judicial, acabava de alçar ás nuvens o direito magistático de ensinar... o que vv. exc.<sup>as</sup> lá sabem; no proprio momento em que a sapientissima e *infallivel* imprensa liberal, n'um accordo maravilhoso, provava até á saciedade que *insinuação* é sinónimo de *eleição*, ou por outra, que a segunda não passa de uma ficção, sendo a primeira a realidade; n'esta mesma conjunctura é que os electores de Braga, calcando aos pés o direito constitucional, o direito consuetudinário, o direito... o direito... todos os direitos do mundo, elegem deputado um homem simplesmente da sua *escolha* (quando estava mais que provado por v. exc.<sup>a</sup> e por outros juriscónsultos da mesma póipa, que para haver eleição não é mister que haja *escolha*), e

despresam o varão eminente, que lhôe fora *insinuado superiormente*, no justissimo uso de uma das mais indiscutíveis prerogativas do poder executivo!

Este attentado, ex.<sup>mo</sup> snr., fez erriçar os cabellos a todos os que trahem diante dos olhos o temível fantasma da *reacção* e do *jesuitismo*; e em não hesitei nem um momento em dirigir-me a v. exc.<sup>a</sup> em nome de todo o paiz, que acaba de acordar estresunhado, aos gritos de victoria dos bracarenses, d'esse delicioso somno, em que o feliz governo de v. exc.<sup>a</sup> e dos seus collegas o tinha adormecido. Sim, em nome de todo o paiz em venho rogar, e mesmo requerer a v. exc.<sup>a</sup> que não deixe impune essa flagrantissima infracção do direito por v. exc.<sup>a</sup> e pelos seus dignos acolitos galbardamente vindicados; e que mande sem mais demora metter em processo, não só o snr. conde de Breitandos, que accitou a eleição para deputado por Braga, mas tambem os que, elegendo-o, se insurgiram contra a insinuação ministerial, sob o futil pretexto de que o *insinuado* não tem sentimentos lá muito orthodoxos, como se essa mesma circumstancia não fosse, para v. exc.<sup>a</sup> e para os liberaes genuinos, mais um titulo, que franqueava a qualquer candidato as portas do parlamento! De sorte que aquellos discolos de Braga, não só desconhecaram a obediencia, que deviam á preconizada prerogativa da insinuação, mas, no furor cego da sua resistencia, regeitaram a candidatura de um varão prestante, que á conhecida firmeza do seu character reúne o predicado de ser redactor do *Jornal da Noite* (especie de *noitibô*) e de ser homónimo de um dos nossos abalisados heroes do Oriente!

Entre os electores de Braga deve haver muitos, que recebam honorarios pagos pelo cofre do Estado. Mande v. exc.<sup>a</sup> suspender-lhes immediatamente o pagamento

dos seus vencimentos, como fez aos conegos de Braga; e ponha-os desde já a pão e agua, que é o melhor meio de os tornar doces e obedientes ás ordens governamentais.

E não trepide v. exc.<sup>a</sup> ante o energico procedimento, que tenho a honra de aconselhar-lhe. V. exc.<sup>a</sup> e os seus provaram até a saciedade, que *insinuação* é uma das mais legitimas prerogativas da corôa. Poderá diser alguém que isso é sómente quando se trata de vigarios capitulares. Mas não ha tal. A constituição e todas as outras leis invocadas pelos *ca nonistas* da imprensa liberal a proposito do conflicto de Braga, são tão applicaveis áquelle caso como ao presente da eleição de Braga. V. exc.<sup>a</sup> mesmo deve estar convencido d'isto. E senão vejamos:

A Carta Constitucional, no § 4.º do art. 75, expressamente include nas attribuições do poder executivo a nomeação de *todos os empregados* civis e politicos. Ora quem ousará negar que um deputado seja um empregado politico, um funcionario publico, visto que o Estado lhe paga um soldo de dois mil e tantos reis diarios? Poderão contestar-nos com o direito eleitoral; mas a isso responderemos, que na auctorisadissima opinião do agente do ministerio publico em Braga, a pag. 12, linhas 33 da sua *Contra-minuta*, ha eleições que não passam de *uma mera formalidade*; e n'este caso está a de deputados entre nós, como é publico e notorio, e exuberantemente o prova o snr. Simão José da Luz Soriano, nas suas *Utopias desmascaradas do Sistema Liberal*, especialmente no capitulo VI.

Além d'isso tem v. exc.<sup>a</sup> ainda a seu favor o *direito consuetudinário*; pois é innegavel que desde o estabelecimento do governo representativo em Portugal ainda não houve eleição de deputados, em que a prerogativa da insinuação não fosse

largamente posta em pratica. V. exc.<sup>a</sup> não ignora decerto que os ministros mais energicos (e é sabido que em energia não cede v. exc.<sup>a</sup> a nenhum dos seus collegas preteritos, presentes e futuros) não se teem limitado só a fazer a insinuação, mas tem-na apoiado com os meios mais preciosos do cacete, da pistola e da bayoneta.

Aqui temos pois solidamente estabelecido o allegado *direito consuetudinário*, que não julgamos mister corroborar com alguma carta regia do marquez de Pombal, cujo governo, pela largueza das suas vistas politicas, e pelo seu respeito por todas as liberdades publicas, é digno de ser imitado por v. exc.<sup>a</sup> e pelos outros liberaes convictos do paiz.

Portanto, ex.<sup>mo</sup> snr., caia a vara da justiça sobre os discolos bracarenses, que n'isto vae interessada a dignidade da corôa, e não menos a honra do ministerio, de que v. exc.<sup>a</sup> faz parte. E se as auctoridades judicias de Braga se negarem a ser instrumentos de *tão justa vingança*, transfira v. exc.<sup>a</sup> para alli as de Braga, já bem provadas na obediencia ao menor acato do ministro, e tornem-se assim todos benemeritos da patria, e credores de uma das paginas mais... brilhantes da historia contemporanea, quando ella fór escripta um dia por algum dos *noitibôs* do *Jornal da Noite*.

De v. exc.<sup>a</sup>

O mais humilde e respeitoso subdito

Pantaleão Felix Zanaga.

Suajo, 1 de setembro de 1875.

**TRADIÇÕES POPULARES**

TRADIÇÕES POPULARES

POR

A. B.

I

A regra da maior ou menor creença do povo é a antiguidade. Seus ascendentes são seus oráculos; e olha com uma especie de impiedade não crer a olhos fechados o que elles creram. Não cuida o povo de examinar que origem tem a noticia; basta saber que é alguma coisa antiga para veneral-a, á semelhança dos egypcios que adoravam o Nilo, ignorando d'onde ou como nascia, e sem outro conhecimento mais do que o que lhes provinha dos seus atrasados. Que chiméras, que extravagancias não se conservam entre os povos á sombra do titulo vão, mas ostentoso da tradição! Porventura qual de vós, meus leitores e leitoras, não terá ouvido n'este, n'aquelle, ou n'aquell'outro paiz não só a rusticos, ou a meninos, mas tambem a venerandos sacerdotes, que em tal ou tal parte ha uma moura encantada, que ha apparecido por diferentes vezes em tempos peridosos? Assim o ouvirão a seus paes, e avós, e não é mister mais para assegurar a sua creença. Se os apertarem, mostrando-lhes a falsidade de similhantes credices, allegarão testemunhas vivas, que a virão, pois em nenhum paiz faltam embusteiros, que se comprazem em confirmar taes patranhas.

A este proposito, lembro-me ter lido alguns que em certos logares do Cantão de Lucerna, na Suissa, ha uma tradic-

ção entre o povo de que todos os annos em determinados dias se vê Pilatos vestido de juiz sobre o cume d'uma montanha visinha, mas os que o vêem, morrem dentro do anno, e para prova allegam-se sempre testemunhas da visão, que falleceram ha pouco tempo.

Este facto junto com a tradição antiquada, e o dar-se vulgarmente áquelle eminencia o nome de Montanha de Pilatos, é que farte para convencer espiritos credulos.

Nem só nos povos barbaros ou incultos se hão estabelecido taes dislates e delirios. N'esta materia, apenas ha povo a quem não pertença alguma parcela de barbarie, ou que não accarete materiaes para o templo da superstição e da fubula, se a tradição lisongea sua vaidade, ou se crê que appoia sua religião. Ninguem duvida que os Romanos em tempo de Plinio e Plutarcho eram a nação mais culta, e racional do mundo.

Pois n'esse mesmo tempo se mostrava em Roma uma figueira, a cuja sombra (segundo a opinião commum) havia uma loba alimentado a Romulo e a Remo.

Estavam igualmente, os Romanos persuadidos que as duas dividades do Olympo Castor e Pollux lhes haviam ajudado a vencer a batalha do Lago de Regido, combatendo em seu favor a cavallo, e para comprovar em o que tão estultamente eriam, mostravam não só o templo erigido em memoria d'este beneficio, mas tambem (*incredibile dictum!*) a mesma impressão das patas do cavallo de Castor em uma pedra!

Não quero fazer aos Romanos a offensa de crêr que todos acreditavam piamente estas fabulas, mas sim que havia muitos entre elles que tinham por fabulosos tudo quanto se dizia do nascimento e

educação de Romulo e Remo, e da apparição de Castor e Pollux. Mas callavam-se, occultando em seu coração o desprezo d'aquellas parannhas, por ser perigosos contradizer a opinião commum, de que o povo se vangloriava, e muito mais sendo ella fundamentada no elemento religioso, radicado no animo d'aquelle povo grosseiro, o qual não se podia offender impunemente. D'estes exemplos subministrados a historia romana muitos, começando por Numa Pompilio que fez crêr ao povo que era inspirado pela Nympha Egéria.

Isto é o que sempre succedeu, e ha de succeder, e é o que faz eternisar as tradições mais mal fundadas, ainda que para alguns sabios seja a sua falsidade visivel.

Uma especie de tirannia intoleravel exerce o povo ignorante sobre a pouca gente entendida, que ha, tirannia esta que consiste em obrigar-a a approvar aquellas credices que receberam dos seus maiores, especialmente se tocam em materia de religião. E' idolo do povo o erro hereditario. Todo aquelle que pretender derribal-o do pedestal, a que o ha guindado a ignorancia popular, incorre, além do odio publico, na nota de sacrilego.

Assim, discordando das mal tecidas fabulas, que entre o povo se conservam sob o nome de tradições antigas, soe chamar-se impiedade ao que é discricão e prudencia, e crendo as piamente, chama-se religião o que é necidade.

E' mister para se crer piedosamente que se crêa com prudencia, porque é impossivel verdadeira piedade, assim como qualquer outra especie de virtude sem ser acompanhada da prudencia.

A mentira, que é sempre torpe, introduzida em materias sagradas é torpis-

sima, porque profana o templo e deshonra a formosissima pureza da nossa santa Religião.

Que delirio o pensar que a falsidade e o erro póde ser obsequio da Magestade Soberana, que é a Verdade por essencia! Antes é offensa sua, e tal, que tocando em objectos sagrados, reveste certa especie de sacrilegio. Assim são dignos de severo castigo todos os que publicam milagres falsos, reliquias falsas, e quaesquer narrações ecclesiasticas fabulosas.

O prejuizo, que estas ficções occasionam á religião, é notorio. A narração de milagres falsos tem sido a causa de fo nestissimos males á religião e á sociedade. Senão, haja vista a um exemplo, que nos apresenta a nossa historia, que nos relata com horror as scenas merceveis de morticínio e saque, a que no domingo da Paschoela de 1507 esteve Lisboa entregue durante tres dias por causa do reflexo do sol, que batendo de chofre no replendor d'uma imagem foi tomado por alguns espiritos desvariados á conta de milagre, e quem se atreveu a mostrar a falsidade do pretendido milagre teve de ser victima do incantamento de dois frades á matança e extermínio dos chamados *christãos novos* (judeus coactos e recentemente convertidos ao catholicismo) e do furioso desregramento do povo credulo em demasia, se bem que el-rei D. Manuel mandou proceder rigorosamente contra os cabeças da desordem; os dois frades foram castigados e punidos com a maior severidade, e a cidade de Lisboa foi privada de alguns da seus foros por não ter embarcado o matim. (Paris e Sousa Europa tom. 2.º part. 4.º cap. 1.º n.º 54).

(Continúa)

Eis aqui, como o padre J. Gaume se exprime a respeito da Inglaterra na—Profanação do Domingo.

«Passae na heretica Inglaterra, metropole da actividade e do commercio. Vêdes ali no domingo um unico covado de fazenda na porta d'uma loja? Nem um. Vêdes ao menos as lojas abertas? Nem isso; apenas as de comestiveis; e essas até ao meio dia sómente, sem ostentação alguma; e isso mesmo por uma simples tolerancia. Circulam ali os transportes como nas nossas cidades, que fazendo tremor as vidraças das egrejas perturbam a oração e tornam impossivel o recolhimento. Não; as carroçagens de transporte não transitam n'esse dia; apenas algumas segres particulares, e em mui pequeno numero se vêem durante as horas do serviço religioso. As fabricas, essas immensas fabricas, cujos productos podem fornecer o universo, trabalham ellas? Não. Na Escoccia mesmo, os caminhos de ferro suspendem sua devorante actividade; o interesse, o prazer, tudo pára religiosamente deante da sagrada lei. Os proprios correios, que levam a todas as partes do globo, e devem trazer cartas tão numerosas, tão urgentes e importantes debaixo de todos os pontos de vista, fazem elles serviço? Tanto em Londres como na Escoccia, nem uma só carta é distribuida nem parte ao domingo. Nas outras cidades ha uma unica distribuição.

«Mas esse tempo que os inglezes tiram ao trabalho, empregal-o-hão como nós, nos theatros, e nas tabernas? Não; nem um só theatro se abre ao domingo; nem uma só taberna durante as horas do officio.

«A mesma severidade observareis nos Estados-Unidos»

E mais são protestantes!

O não saber a gente com quem trata faz que cáiamos em erros indesculpaveis. Assim é que, com quanto aventassemos com fundamento a hypothese de que o voluntario a que aludimos em o n.º 388 d'este jornal o fosse da rainha Jacintha I, fomos meos justo estigmatizando a linguagem d'elle e lamentando o «Jornal de Lisboa» por dar-lhe guarida. E fomos meos justo porque ao contrario do que alli dissemos deveramos diser: apoiado, muito bem; viva Jacintha I, o seu orgão e o organista.

Mas estando a tempo de emendar a mão, vimos hoje dar o dito por não dito, visto como se verificam casualmente as nossas previsões. O voluntario voltou á estacada. Lá está de carapinha encrispada no n.º 1283 do orgão... «Jornal de Lisboa.» Injecta a «Nação» de vaias de batusque porque, diz elle, a «Nação» lhe espirrou. Ora a «Nação» bem sabe que a subditos de Jacintha I não se espirra assim impunemente, senão lá está pae Francisco, que vem dizendo-nos agora a sua graça. Lá despeja a cêlha da bunda parolica e dá na «Nação» que a deixa mesmo achatada. E nós gostamos. A «Nação» bem sabe que a não ser *ascomonia*, *favarrica* e *burri*, e mesmo algum *batuque* bem mechido, só ha a esperar da pretalhada o esbravejar cafral. E depois desde que o reinado de Jacintha I tem atingido o peribello do progresso havendo o seu orgão onde pae Francisco, o voluntario, algaravia a bunda lingoagem, mal ferida hade ficar a «Nação» que desconhece o calão e que pugna pelas ideias do *obscurantismo* e do *ranço*.

No nosso precedente artigo censuravamos o «Jornal de Lisboa» agora censuramos a «Nação» porque se pae Francisco se irrita e indispõe com os espirros que são um ataque á balda-certa, nós tambem lhe levamos a mal que... gaste cera com ruins defuntos.

Um conselho por fim á nossa mestra e collega:—quando pae Francisco, o voluntario, volte á palissada a vomitar improprios e necedades como os que vemos no orgão—visto o exposto—da pretalhada, despeça-lhe dois espirros e diga-lhe: quem tem *escarapinha* não *esvenha* cá.

J. MACHADO JUNIOR.

**A censura previa**

A censura previa era uma sabia instituição do antigo regimen anterior a 34. Ella tinha por fim impedir que circulassem livremente entre o povo portuguez, e

se propagassem doutrinas hereticas, subversivas da ordem moral e social.

Nenhum escripto ou impresso podia correr o paiz sem ser examinado e corrigido n'esse respeitavel conselho de censura.

Se esse tribunal existisse hoje todos os jornaes litterarios teriam de ser supprimidos, por que todos são mais ou menos hereticos, e alguns descaradamente atheus, como é o «Jornal do Commercio» em Lisboa.

A censura era a favor das boas doutrinas e contra as más. Entre as boas apparecem em primeira plana as crenças e instituições catholicas, tudo o que favorece a verdadeira religião, que é o catholicismo Romano.

Na classe das más doutrinas figuram as heresias, e tudo o que pode contribuir para abalar as crenças e aluir o edificio da sociedade.

Os liberaes combatem a censura previa por que com ella o liberalismo não tem razão de ser no nosso paiz, que foi sempre eminentemente catholico.

A censura condemnou todos os liberaes antes de 34. Depois d'essa data, como tudo mudou de face, e todos os tribunaes estão occupados por liberaes ao serviço da liberdade; a censura existe só contra os actos emanados do Papa e dos bispos, sem exceptuar padres.

O Papa tem de sujeitar á censura do placet da secretaria de estado, todos os breves, bullas, constituições ou encyclicas, e os liberaes julgam-se com direito de dizerem: nós queremos, nós não queremos!

A encyclica de 1864 foi mutilada pelos liberaes, e mandada aos prelados de Portugal para a publicarem depois de soffrer os côrtes e alterações que agradou aos liberaes governantes.

Os liberaes applicam a censura aos bispos, aos quaes obrigam a não publicarem pastoral alguma sem o placet

D'este modo se explica a mudez do episcopado portuguez ha mais de trinta annos, perante a invasão de heresias de toda a especie, propagadas todos os dias pelos jornaes liberaes ao serviço do governo e da maçonaria. Os bispos tem visto cercar as suas attribuições em leis passadas em côrtes, e tendo assento na camara dos pares não defendem os direitos da Igreja, nem mesmo formulam um protesto contra os manejos dos inimigos do catholicismo.

Os padres não podem prégar sem o placet. Os liberaes julgam-se competentes para determinar os pontos sobre que ha de versar um sermão; e levam a ousadia de imporem ao prelado a censura canonica, que este ha de infligir ao prégador, sem ouvirem a opinião do prelado e saberem d'elle se o prégador faltou aos deveres do seu sagrado ministerio.

A censura que antes de 1834 existia contra os herejes e os impios, co-irmãos dos liberaes modernos, passou aos liberaes que exercem contra os catholicos, contra a Igreja, fazendo apregoar pela sua imprensa que da Igreja é que vem o perigo para as instituições e a liberdade liberal.

Contra a Igreja, verdadeiro espectro para os maçons, é que os liberaes disparam seus tiros, e sustentam a censura previa e postera, deixando em plena liberdade todos os maçons, todos os impios, todos os bebados, todos os desavergonhados que se lembram de insultar e calumniar o clero e açular a populaça contra os padres, representando-os como devassos falsarios, hypocritas ambiciosos e avarentos, chamando a todos lazarisistas.

Todo isto corre sem previa censura. Não consta mesmo que o ministerio publico queresse nunca jornal ou impresso onde fosse atacada a religião, ou por combater a Igreja catholica.

O codigo penal tem penas para esses delictos: mas como os liberaes não consideram estes factos condemnaveis, nunca lhes applicaram as penas correspondentes.

Portanto haja censura; mas empregue-se só contra os catholicos em vingança de terem os catholicos antes de 34 exercido a censura só contra os herejes liberaes e maçons.

Os maçons e liberaes vivem em plena liberdade.

Folguem os liberaes em quanto não fór restabelecida a censura previa!  
(Do Catholico)

**REVISTA ESTRANGEIRA**

**Hispanha.**

Receiam-se sublevações republicanas em varios pontos do paiz.

O throno del niño começa a oscillar.

Hendaya 27 d'agosto.

Dizem de Prats de Mollo ao quartel general em data de 27:

O brigadeiro Vila de Prats, bateu no dia 19 a columna Vallejo em Villafranca de Panades; matou-lhe 90 homens, feriu-lhe muitos, tomou-lhe 170 armas, tres cargas de munições, alguns cavallos e outros objectos.

Tolosa 27 d'agosto.

Os affonsistas fortificam Caspe, com o com o medo de que volte para alli Dorregaray cujos batalhões estão intactos.

—Na Catalunha foi surpreendida a columna affonsista do brigadeiro Villar pelos carlistas.

No Norte tambem foram surpreendidos pelos carlistas dois esquadrões de cavallaria allonsina.

As folhas francesas que hoje recebemos são atrasadas e por isso ainda não trazem promenores respeito a Seo d'Urgel.

Na Catalunha houveram ultimamente varios encontros que não foram nada favoraveis aos liberaes.

—Uma columna affonsista, a do coronel Vallejo, soffreu um serio revez na Catalunha, e, segundo todas as probabilidades, desapareceu completamente ficando prisioneiros unicamente os que puderam salvar a vida.

**GAZETILHA**

**Festividades d'amanhã.**—A de N. Senhora da Misericórdia, na Lapa.—A de N. Senhora d'Ajuda em S. Sebastião das Carvalheiras.—A de N. Senhora do Pilar, em Santa Cruz.—A de N. Senhora do Socorro, em S. Lazaro.

**Hospedes illustres.**—Continúa a ser grande a concorrência ao pittoresco local do Bom Jesus do Monte.

Acham-se alli, no hotel da Boa-Vista, entre outras, as seguintes pessoas.

—Dr. José Vicente Barbosa du Bocage.

—Jorge Satyro da Cruz, e sua familia.

—Visconde de Ribeiro da Silva, director do Banco de Portugal.

—Manoel José de Sousa, e sua esposa, do Porto.

—Francisco José da Costa, e sua esposa, de Lisboa.

**Feira.**—E' Amanhã a feira que annualmente se costuma fazer no logar da freguezia de Ferreiros, proximo d'esta cidade.

**Concorrência de povo.**—N'estes ultimos dias tem sido extraordinaria a concorrência de povo, que se dirige para a romaria de N. Senhora do Porto d'Ave, que, como annunciamos, amanhã tem logar no seu mosteiro.

**Concerto no jardim publico.**—Realisa-se amanhã no jardim do campo de Sant'Anna um concerto ao ar livre, dado pelos distinctos artistas Anita Albani, Rafael Albani e José Roussi.

Não ha preços estabelecidos, mais do que cada individuo queira dar.

O concerto começa ás 8 horas da noite, e constará de varias e lindissimas peças de musica.

**N. Senhora de Nazareth.**—Festeggia-se hoje á noite a Imagem de N. Senhora de Nazareth, erecta no arco da Porta Nova. Haverá illuminação e basar de prendas. Durante o qual tocará a banda da «Philharmonica Bracarense».

**Portugal antigo e moderno.**—Começou a publicação do 6.º volume do dictionario Portugal antigo e moderno, do laboriosissimo escriptor Pinho Leal.

Recebemos o fasciculo 83.º, onde se torna notavel a noticia respeitante á freguezia de S. Nicolau, da cidade do Porto, noticia que ainda continúa.

(Não recebemos o fasciculo 82, bem como a capa do vol. V).

**Anginho.**—Deu-se ante-hontem á sepultura o cadaver d'um filhinho do ill.º sr. José Antonio da Fonseca. Teve no sabbado um pomposo acompanhamento, onde iam duas bandas de musica.

Dizem-nos que o afflicto pae, além d'este golpe, está prestes a soffrer outro, porque tem outro filhinho sem esperanças de vida.

**Lucta desesperada.**—O guarda fio da estação telegraphica de Beja, foi ha dias visitar, a um monte, um irmão.

Como a mulher d'este dissesse que elle estava guardando uma pastagem, dirigiu-se para o sitio indicado.

Proximo do monte encontrou um coiteiro. Deram as boas noites, e o guarda fio, a convite d'aquelle foi, em sua companhia, em direcção ao Penedo Gordo.

Sahiram porém fóra da estrada, e tantas marchas e contra marchas fizeram, que o guarda fio perguntou para onde se dirigiam.

—Para o Penedo Gordo, respondeu o coiteiro.

Continuaram a caminhar, e o guarda fio deu o seu frasco ao companheiro para que bebesse o vinho.

Acceptou, e depois de beber entregou o frasco ao guarda fio. Quando este o pôz á bocca, o coiteiro gritou-lhe:

—Prepara-te para morrer.

E desfechou a clavina, a qual errou fogo.

O guarda fio avançou para o coiteiro, lançou-lhe mão da espingarda, e na lucta disparou-se o outro cano.

Desarmado o coiteiro, começou a lucta braço a braço. Foi desesperada e os dois contendores cairam de cansaço.

Recuperadas as forças, o coiteiro investiu novamente com o guarda fio; este recebeu alguns ferimentos na cabeça e nos braços, e perdeu alguns dentes, mas esfaqueou aquelle.

Como o ferido caísse, tirou-lhe a mantilha, o chapéu e a espingarda que veio apresentar á justiça, á qual deu porte do succedido.

O coiteiro foi conduzido para o hospital d'esta cidade, e está muito mal, diz o Bejense.

**Rudeza.**—Nada ha mais triste, mais doloroso para o homem de sentimento e de pensamento são do que o espectáculo, tão vulgar infelizmente, da sujeição das creanças a uma criação aspera, intelligente, tyrannica, brutal, do que vêr estas creaturinhas frageis, inconscientes, indefezas, movendo-se automaticamente, impulsadas por gritos colericos, por ordens imperiosas, por ameaças estupidas, espantosas; e tantas vezes espancadas com bestial ferocidade, e tantas vezes abandonadas com uma indiferença e com uma rudeza revoltante ás suas dores, aos seus soffrimentos, aos seus choros, ás suas quedas, á sua fraqueza physica e intellectual.

Ha bem terriveis, bem tristes tragedias na infancia! e outras bem terriveis tambem se preparam n'ella!

Nos fundos cyclos da vida social, o pae do sol da alegria e do amor, da paze da instrucção penetra a custo e ás negsas, é bem cruel e precaria a vida infantil, crescem bem curtidas de dores e de tristezas estas brandas plantas!

Mas não é só lá; é tambem cá em cima, muito á torreia do sol das prosperidades e das abastanças da vida, que as pequeninas existencias se curvam, estiolam e aleijam sob mãos rudes e intelligentes, n'uma criação brutal e á mingua de um cultivo amoravel, suave, paciente e sensato. (D. de Noticias.)

**Sinistro maritimo.**—Dois individuos da freguezia de Carrego, concelho de Vianna do Castello, metteram-se ha dias n'um pequeno bote e largaram para o mar largo, a fim de pescarem.

O mar estava agitado e n'um golpe mais forte o barco virou-se, morrendo afogados os dois tripulantes.

**A questão da Herzegovina.**—A imprensa estrangeira nada adianta ácerca da insurreição da Herzegovina.

Informações particulares accentuam os trabalhos dos servios a favor dos insurgentes.

Numerosos bandos procuravam sublevações na Bulgaria e nos Bulkans.

Fallava-se em 250 homens, a maior parte italianos, desembarcados proximo de Kleck, que teriam atravessado as montanhas para se juntarem aos insurgentes.

O irmão do chefe da insurreição, Lioubrotich, fóra em missão para Pesh.

O presidente do senado montenegrino e um ajudante de campo do principe de Montenegro tinham ido a Ragusa para conferenciar com o consul geral da Russia.

Belgrado, 3.—A Austria, a Russia e a Allemanha advertiram a Servia e o Montenegro, pe que seriam invadidos e occupados estes estados por tropas austriacas, se atacassem a Turquia. —E. (americana.)

Óaris, 3.—Os insurgentes da Albania bateram os turcos da Herzegovina, tomados-lhes quatro fortins. —E. (americana.)

Ragusa, 3—Os turcos foram batidos em Sutgerco, perdendo 200 mortos e muitos feridos.—(E. americana.)

Constantinopla, 3—Continuam a partir tropas para a Herzegovina. Em Damasco receia-se uma sublevação dos drusos contra os maronitas. Sever pachá recebeu instruções para publicar em Mostar uma proclamação assegurando que o governo não permittira actos vexatorios, e que constituiria um tribunal especial para julgar quem os commetter, prometendo demittir os funcionarios oppressores, dar satisfação ás victimas das illegalidades, chamar aos seus lares os exilados injustamente, e expulsar todos os agitadores. Reina completa tranquillidade na Bulgaria.—(Havas.)

Ragusa, 3—Já partiram d'aqui para Mostar os membros da commissão internacional da Austria, da Allemanha, da França e da Russia. Os outros membros irão directamente.

—O general Klapka publicou uma carta recusando terminantemente commandar os insurgentes da Bosnia, porque esta não protegeu os húngaros em 1839 e os servios foram seus inimigos.—(Havas.)

#### EXPEDIENTE DA ADMINISTRAÇÃO.

Cartas recebidas na administração d'este jornal:

Cabanellas.—Simão Antonio Rodrigues Forte.

Peso da Regoa.—Theodoro Alves Cardoso.

Resumo do activo e passivo do Banco do Minho em 31 de agosto de 1875.

##### Activo

Caixa: existencia em metal.	114:378\$836
em notas.	18:702\$500
Papeis de credito.	87:087\$114
Acções de c. propria.	64:800\$000
hypothecas de raiz.	90:435\$386
Letras em liquidação.	8:370\$703
Remessas em . . . . .	21:791\$704
Emprestimo sobre penhores.	19:018\$670
Letras descontadas.	850:540\$755
Letras a receber . . . . .	27:583\$146
Saques e remessas de n. c.:	163:768\$827
Saques e remessas das agencias:	122:400\$712
Agencias no paiz.	221:364\$352
Agencias no estrangeiro.	105:556\$959
Contas correntes garantidas	805:193\$060
Edificio do Banco.	14:940\$095
	2.735:932\$839

##### Passivo

Capital.	600:000\$000
Fundo de reserva.	30:000\$000
Reserva para prejuizos eventuaes.	50:000\$000
Dita para garantia de dividendos.	30:000\$000
Notas em circulação.	93:415\$000
Depositos á ordem.	182 782\$081
Dividendos a pagar . . . . .	1:875\$616
Depositos a praso . . . . .	1.448:540\$809
Credores no paiz.	148.895\$411
Agencias no estrangeiro.	50:421\$575
Saques e remessas das agencias:	78:455\$608
Letras a pagar . . . . .	1:450\$000
Ganhos e perdas.	20:096\$739
	2.735:932\$839

Braga, Banco do Minho 3 de setembro de 1875.

##### OS GERENTES.

Manoel Simões Braga.  
Domingos José Soares.

#### BANCO COMMERCIAL DE BRAGA.

Resumo do balanço do Banco Commercial de Braga em 31 de agosto de 1875.

##### Activo

Acções, prestações a receber	223:990\$000
Dinheiro em caixa.	116:695\$836
Letras descontadas e a receber.	818:287\$398
Emprestimo sobre penhores.	138:620\$727
Contas correntes com garantia.	1.143:958\$055
Agentes no paiz e estrangeiro.	541:697\$027
Títulos e papeis de credito.	151:305\$637
Diversos devedores.	55.007\$669

Despezas de instalação.	5:772\$660
Moveis e utensilios.	1:896\$924
	3.167:231\$933

##### Passivo

Capital.	1 000:000\$000
Obrigações.	1.336:302\$711
Depositantes.	242:710\$340
Agentes no paiz e estrangeiro	312:269\$359
Diversos credores.	31:729\$807
Letras em deposito.	33:754\$030
Letras a pagar.	46:631\$972
Notas em circulação.	99:625\$000
Fundo de reserva.	48:000\$000
Dividendos a pagar.	1:135\$200
Ganhos e perdas.	15:073\$114
	3.167:231\$933

Braga 3 de setembro de 1875.

##### Os Directores

Manoel José da Costa Guimarães  
Luiz Antonio da Costa Braga.

## ANNUNCIOS

O conselho administrativo do regimento d'infanteria n.º 8, faz publico, que no dia 20 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, na sala das sessões do mesmo conselho, hade proceder á arrematação de 384 marmitas de folha para uma praça.

As condições e amostra serão patentes no acto da arrematação.

Quartel em Braga 5 de setembro de 1875.

##### O secretario do conselho

Bernardo Ozorio,

(2679) Alferes d'infanteria 8.

A commissão geral de administração do collegio de S. Caetano, da cidade de Braga, tendo de mandar construir um edificio com a necessaria capacidade para estabelecimento do referido collegio, destinado á educação e instrução dos orfãos desvalidos e expostos, em harmonia com as prescripções do decreto regulamentar de 6 de dezembro de 1866, resolveu abrir concurso para o projecto do indicado edificio, offerecendo tres premios, um de 600\$ reis ao auctor do projecto classificado em primeiro lugar, um de 400\$000 reis ao d'aquelle que for collocado em immediato merecimento, e outro finalmente de 200\$ reis ao que for classificado em terceiro lugar, satisfazendo os projectos a todas as condições do programma, elaborado em data de 1 de junho do corrente anno, para servir de base ao respectivo concurso.

Os projectos serão apreciados por um jury formado de pessoas edoneas e competentes, pelos seus conhecimentos especiaes, sendo o praso para o concurso contado de 15 de setembro corrente a 16 de março de 1876.

As pessoas que pertenderem concorrer poderão dirigir-se:—em Braga, ao Director do collegio dos Orfãos de S. Caetano; em Lisboa, á secretaria da associação dos Engenheiros civis, rua das Chagas n.º 42, 1.º andar; e no Porto á Gerencia da Caixa Filial do Banco do Minho, rua das Flores, para lhes serem fornecidos exemplares do programma e da planta topographica do terreno, e mais esclarecimentos.

Braga 6 de setembro de 1875.

##### O secretario da Commissão,

O conego Antonio Francisco Pereira d'Almeida Coutinho. (2677)

#### LYCEU NACIONAL DE BRAGA

Pela reitoria do Lyceu Nacional de Braga se faz publico que as matriculas para a admissão n'este lyceu, no proximo anno lectivo, começam no dia 13 e continuam todos os dias não santificados das 11 ás 12 horas da manhã, até ao dia 25 do corrente mez, nos termos seguintes:

1.º Os alumnos que pretendam ser admitidos á matricula do primeiro anno dos cursos do lyceu na classe de ordinarios, devem apresentar-se ao secretario com os seguintes documentos:

- (a) Certidão por onde mostrem ter dez annos completos de idade;
- (b) Certidão de terem sido approvados no exame de admissão;

(c) Senha que prove haverem pago a propina de 960 reis e os addicões estabelecidos pelas leis em vigor;

(d) Sendo militares, licença do commandante do corpo a que pertencerem.

2.º Os alumnos que desejarem matricular-se na classe de voluntarios, no 1.º anno de qualquer disciplina, são obrigados a apresentar os documentos referidos no numero antecedente, excepto a senha de pagamento de propina.

3.º Os alumnos ordinarios e voluntarios que pretendam matricular-se no 2.º anno e seguintes de qualquer curso ou disciplina apresentarão na secretaria uma nota em que declarem o nome, filiação paterna e naturalidade (freguezia e concelho), a classe a que querem pertencer, o anno (sendo ordinario) ou a disciplina (sendo voluntario) que pretendem cursar; acompanhada de certidão authentica dos exames anteriores de passagem quando os alumnos se acharem comprehendidos na excepção do n.º 6.º d'este edital. Nos ultimos 5 dias do praso acima indicado se procederá á matricula d'estes alumnos pela ordem que será annunciada em aviso affixado no atrio do lyceu.

4.º Para a matricula, como ordinario, no 2.º anno e seguintes dos cursos do lyceu, o alumno deve ter sido approvado em todas as disciplinas do anno precedente, e ter pago a referida propina.

5.º Para a matricula, como voluntario, no 2.º anno e seguintes de qualquer disciplina, deve o alumno ter sido approvado nas materias do anno anterior da mesma disciplina.

6.º Os alumnos ordinarios e voluntarios que pretendam matricular-se no 2.º anno e seguintes de qualquer curso ou disciplina, são dispensados de apresentar certidão dos exames anteriores de passagem, excepto se vierem de outro lyceu, onde tenham feito estes exames.

7.º Todos estes documentos devem vir reconhecidos por tabellião d'esta cidade, excepto os passados n'esta secretaria.

Secretaria do Lyceu Nacional de Braga 6 de setembro de 1875.

Por ordem da reitoria,

João M. Moreira,

(2680) Secretario.

O conselho administrativo do regimento de infanteria n.º 8, faz publico, que no dia 18 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, na sala das sessões do mesmo conselho, hade proceder á arrematação do fornecimento das rações de pão e forragens necessarias para as forças estacionadas, que vierem estacionar, ou transitarem por esta localidade, no periodo que decorrer de 1 d'outubro do actual anno a 30 de setembro de 1876.

As condições, são as exaradas no regulamento da administração de fazenda militar de 17 de novembro de 1864.

##### O secretario do conselho

Bernardo Ozorio

Alferes d'infanteria 8. (2676)

## PERFUMARIAS

Vendem-se na pharmacia de A. D. Alvim, os seguintes preparados:

- Agua de triple de Colonia.
- Dita da Sociedade Higienica.
- Dita de Principes.
- Dita de Codrait & Companhia e outros auctores.

- Ditas Angerina, do dr. Popp.
- Dentorina, de Rigaud.
- Colorigino, de Rigaud, liquido regenerador da cor primitiva dos Cabellos.
- Pós Rosée, preparação nova, para branquear e amaciar a pelle, de Rigaud.
- Oleo Miranda, de Rigaud.
- Vinagre de Toalette, de Bully.
- Creme Dentrifico, de Rigaud.
- Pós Dentrificos, do dr. Pierre.
- Thesouro da Bocca, esta agua dentrificia, muito agradável ao gosto, é a mais efficaz para os cuidados da bocca, e conservação dos dentes.

Pomada Flexivel, para conservação dos cabellos.

Pó d'Arros d'Italia, para branquear, refrescar e amaciar a pelle.

Pomada Miranda, de Rigaud, tonica e fortificante do cabello.

Benzina perfumada. Esta benzina é de todos os productos até hoje conhecidos, o efficaz para tirar as nodos de todos os

corpos graxos ou rezinosos, dos tecidos de seda, lã, linho e algodão, sem alterar a cor, nem atacar o tecido, deixando depois do seu uso um aroma agradável.

Oleo de mãe de vacca, romatisado para o cabello.

Sabonetes de alcatrão, muito uteis em diversas molestias de pelle.

## OLEO DA PERCIA

Est.º oleo cosmetico bem diferente a todos os oleos e pomadas usadas até hoje, amacia, dá lustro e brilhantismo no cabello, m. elhor que qualquer outro, sem deixar nodo, e alguma na roupa. Vende-se na pharmacia de A. D. Alvim.

## LEITE DIVINO

Unico restaurante da belleza. Vende-se na pharmacia de A. D. Alvim.

## TONICO ORIENTAL

Preservatorio seguro contra a calvice e encanecimento, é a preparação mais deliciosa que se ha descoberto para o cabello. Vende-se na pharmacia—Alvim.

## AGOA CIRCASSIANA E FLORIDA

Vende-se na pharmacia —Alvim. (2675)

Precisa-se de um empregado que esteja sufficientemente habilitado para trabalhar em contas correntes com juros reciprocos ou sem elles e que tenha bastante expediente.

Para informações dirijam-se ao Banco do Minho.

Braga 4 de Setembro de 1875.

Manoel Luiz Ferreira Braga  
Domingos José Soares.

## BANCO MERCANTIL DE BRAGA

Sociedade anonyma, de responsabilidade limitada.

São convidados os snrs. accionistas d'este Banco a entrarem com a 3.ª prestação de 2000 ou 10\$000 reis por acção desde o dia 25 a 30 do corrente, n'esta cidade na casa do Banco e no Porto na de seus agentes João Evangelista da Silva Mattos & C.ª na praça de D. Pedro, 22.

Braga 2 de setembro de 1875.

##### Os directores,

José Joaquim Lopes Cardoso.  
João da Costa Palmeira.

(2678) José Antonio Rebello da Silva.

## JOÃO, O ESCOLHIDO DO CEU

VULGO

Frei João d'Assumpção Neiva.

Drama sacro em 3 actos e 8 quadros

Baseado na vida de tão illustre varão.

Ornado de coros, canções, visualidades, transformações, etc.

##### Edição de luxo.

Preço 500 rs. Pagos no acto da entrega.

Está no prelo, e logo que esteja concluida a impressão será remetido aos snrs. assignantes.

Os snrs. que queiram assignar, deverão dirigir carta fechada, designando a morada e o numero de exemplares, ao escriptorio do editor—rua da Batalha, n.º 2 —Porto, onde está aberta a assignatura até ao dia 30 do corrente. (2674)

## ATTENÇÃO

José Carlos Machado d'Almeida, com estabelecimento na rua do Campo, n.º 16, tem para vender um surtimento de camisolas de lã de todos os tamanhos, assim como meias e cuturnos, que vende por preços comodos. (2647)

SABOARIA



A VAPOR

NA QUINTA DE RORIZ  
PORTO

JOZE' I. FERREIRA RORIZ

FORNECEDOR DA CASA REAL

DEPOSITO CENTRAL, RUA DAS FLORES, 35 37 E 39

O proprietario annuncia aos seus freguezes, e ao publico, que em todo o sabão fabricado na sua fabrica, e que na mesma se vender, ou no Deposito Central, se fará o desconto de 6 por cento sobre os preços estabelecidos, de uma caixa para cima. Satisfaz-se com promptidão qualquer pedido que seja feito do dito genero, tanto d'esta cidade como das provincias e se garante a sua boa qualidade.

RORIZ

PORTO

1,3-RUE DAS FLORES-1,3

(JUNTO À EGREJA DA MISERICORDIA)

COMPRA E VENDE

Inscrições de assentamento

Ditas de coupons

Ditas de divida externa

Titulos hispanhoes internos

Ditos externos

Coupons dos ditos já vencidos.

Sacca, toma letras e dá cartas de credito sobre Lisboa e diversas praças estrangeiras, e se encarrega de compra e venda de titulos de divida publica nas mesmas praças.

PRIMEIRA E ANTIGA



CASA FELIZ

PORTO

1 - RUA DAS FLORES - 3

(JUNTA À EGREJA DA MISERICORDIA)

**SORTE GRANDE REIS 5.000\$000**

Loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

Extracção a 7 do Corrente

JOSE IGNACIO FERREIRA RORIZ

AFIANÇADO NO GOVERNO CIVIL DO PORTO, NA CONFORMIDADE DO EDITAL DE 28 DE JULHO DE 1860

Tem á venda no seu estabelecimento bilhetes inteiros a 5000 rs. — Meios ditos, a 2500—Quartos, a 1250—Oitavos, a 625—Cautellas de 500, 250 e 125 rs.

O mesmo satisfaz com promptidão todas e quaesquer encomendas que lhe sejam feitas das provincias, ainda que sejam em grande quantidade, e vindo acompanhadas do seu importe em vales dos correio; e no fim da extracção remette a lista dos premios aos seus freguezes, mas quando a não recebam em tempo competente terão a bondade de a requisitar. (G\*)

NOVIDADE

44, Rua do Souto, 44

Campos & Almeida, acabam de receber grande sortido de chapens de feltro e seda, «ultima moda», da acreditada fabrica dos snrs. Maia e Silva, do Porto, que vendem pelos preços da fabrica.

Tambem se fabricam e consertam chapens de todas as qualidades. (2330)

Asfalto Nacional da Mina de Aseche

A Companhia de Lisboa com escriptorio no Porto na Rua do Bomjardim n.º 365, previne os seus freguezes e o publico em geral que continúa a encarregar-se de qualquer obra a que seja applicavel o asfalto, assim como terraços, impenas, passeios em jardins e nas ruas publicas, cavalherices, eiras, etc.

A mesma Companhia presta-se a garantir o bom resultado do seu trabalho, sendo sufficiente para recommendar o seu asfalto, a preferencia que lhe tem sido dada pela administração das obras publicas e o repetido chamamento para substituir asfalto que se por ahí pregou, como vindo do estrangeiro.

Todos os snrs. que precisem qualquer encomenda d'este genero, podem fazel-a no Porto Rua do Bomjardim n.º 365, e em Braga, na Fabrica da Fundição do Minho. (2335)

NOVA FUNDIÇÃO DE FERRO

DE

Antonio Germano Ferreirinha

NA

Travessa de S. João

Aonde faz toda a obra, assim como bombas, conçoilas, columnas para gaz, pezos novos, panellas á ingleza de todos os tamanhos, canos para agoas e gaz, e toda a obra de fundição, como grades para sacadas, obra de metal, sinos e outros objectos de igual teor etc., pelos preços do Porto.

RIO DE JANEIRO.

A sair de Lisboa

Passagens a preços reduzidos. Caminho de ferro gratis.

A barca «Lisboa» de 1:200 toneladas, com espaçosa camara de ré para passageiros de pr.º, vae sair com brevidade.

Os snrs. passageiros que quiserem aproveitar o ensejo de seguir n'este excellento navio, queiram dirigir-se ao escriptorio de Soares & Irmão, Praça de Santa Theresa, n.º 47.—Porto. (U)

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1875.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende cimento romano para vender aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (2584)

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende papeis pintados para guardar necer salias, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

INJEÇÃO BARNIT

E' já bem conhecida a sua efficacia em curar em menos de 8 dias, toda a qualidade de purgações como o póde attestar a venda de mais de 2 000 frascos.

Deposito em Braga, na pharmacia do Hospital de S. Marcos. (2641)

AVISO

Tendo a Mesa da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, dirigido cartas a todos os mutuarios, tanto da Misericordia como do Hospital, para que viessem no prazo de 60 dias pagar os juros em divida, e como alguns devedores não satisfizessem ao que se lhes pedia, avisam-se por este meio, que serão executivamente compellidos a pagar findas as ferias geraes quando não satisficam seus debitos por todo o corrente mez de Setembro.

Braga 1 de Setembro de 1875.

A Mesa da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, faz saber, que até ao dia 15 do corrente acceta propostas em carta fechada para o fornecimento de pão trigo e de mistura que tem de se consumir no Hospital de S. Marcos, desde o 1.º d'Outubro do presente anno, até 30 de Setembro do anno de 1876, sob as condições que estão patentes na secretaria do mesmo Hospital.

As propostas serão apresentadas na mesma secretaria ou lançadas na caixa da Misericordia.

Braga 1 de Setembro de 1875. (C. 2637 R. 122)

ALVIÇARAS

Perdeu-se um brilhante d'um anel desde a rua Nova, Jardim, até á rua de Gonçalo. Quem o achar e o queira entregar, depois de dados os signaes, falle na rua de S. Gonçalo n.º 2, que será generosamente gratificado. (C. 2631 R. 115)

João Manoel da Silva Guimarães.—Rua do Souto n.º 43.

Compra e vende Accões de todos os Bancos e Companhias, Inscrições de Assentamento e coupons. (581)

PADRE SENNA FREITAS

A TENDA DE MESSE LUCAS

Romance religioso original

1 vol. 400, pelo correio 430

A' venda na Livraria Chardrou—Editor.

J. M. PINHEIRO



ESCOLA AMERICANA

Recentemente chegado a esta cidade, aonde pretende demorar-se algum tempo offerece os seus serviços ao respeitavel publico em tudo que disser respeito á sua arte.

Extrai, cura e conserta os dentes caridos, colloca dentes artificiaes, com perfeição e cura todas as affecções da bocca; especialidade da escola moderna. Consultas e extracção de dentes aos pobres, gratis das 8 ás 9 horas da manhã.

Consultorio, Campo de Sant'Anna n.º 1—B 2.º andar. (C. 2644 R. 105)

Agencia do Banco de Vianna

CARVALHOS & C.ª

Rua do Souto n.º 30

BRAGA

Esta agencia faz as seguintes operações: Desconta letras da terra e de cambio. Encarrega-se da compra e venda de papeis de credito.

Recebe dinheiro á ordem e a prazo abonando a os.

Empresta sobre penhores d'ouro, prata, inscrições, accões de bancos e companhias.

Saca sobre praças do reino e estrangeiras, onde o Banco tem agencias.

Braga, 3 de junho de 1875.

Os agentes,

(B\*) Carvalhos & C.ª

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

LA UNIÓN, DE MADRID

Segura nas condições mais vantajosas contra o risco de fogo, e tambem contra os prejuizos causados pela explosão de gaz, ou pelo raio.

Verificam-se os seguros n'esta cidade de Braga no escriptorio de Ferreira Borges & C.ª, praça do Barão de S. Martinho n.º 26—1.º andar. (2537)

ALMEIDA & PEREIRA

Largo do Barão de S. Martinho n.º 18

Compram e vendem accões de todos os bancos e companhias, e inscrições d'assentamento e coupons. (1)

METAES VELHOS

Na travessa de S. João n.º 5, compra-se toda a qualidade de metaes, e ferro velho até mesmo fundido. (860)